

Adriane Garcia<sup>1</sup>

---

Três dias de festa

Nosso primeiro aninho com o

Progresso

Acendemos todas as velinhas

E fizemos mil desejos

Depois fomos apagando.<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Poeta (BH/MG). Publicou *Fábulas para adulto perder o sono* (Prêmio Paraná de Literatura 2013, ed. Biblioteca do Paraná), *O nome do mundo* (ed. Armazém da Cultura, 2014), *Só, com peixes* (ed. Confraria do Vento, 2015), *Enlouquecer é ganhar mil pássaros* (e-book pela Vida Secreta, no Issuu, 2015), *Garrafas ao mar* (ed. Penalux, 2018) e *Arraial do Curral del Rei: a desmemória dos bois* (Conceito Editorial, 2019).

<sup>2</sup> Todos estes poemas estão no livro *Arraial do Curral del Rei: a desmemória dos bois*

Agora passeia pelas ruas  
Esse monstrinho esquisito  
Com cabeça jacobina  
Patas positivistas  
Vestindo liberalismo  
À moda americana

Por aqui apelidamos de  
República

Ninguém sabe do que se trata.

Josina Rodrigues

A lavadeira

Esperou o último minuto

E botou uma corrente na porta

Segura à corrente, do lado de fora

Josina espera que seu ato

Pare o delegado

O delegado é compassivo

Paralisa os seus homens em fila

E lhe dá mais uma hora

Josina tem uma hora

Para tirar seus pertences

Josina tem 50 minutos

Para carregar o passado

Josina tem meia hora

Para esquecer trinta anos

Josina tem 20 minutos

Para parar de chorar

As filhas de Josina

Socorridas por vizinhos

Há muito estão na carroça

Josina tem 10 minutos

Para trazer seus brinquedos.

O amor por princípio

A ordem por base

O progresso por fim

Ordem por base

Progresso por fim

Ordem e progresso

O amor no precipício.

# Bruna Mitrano<sup>1</sup>

---

a câmera em close na velha  
a pele rachada do rosto em contraste  
com a pele mole dos braços

do vestido se vê os ossos do peito  
os seios dois sacos vazios  
pendendo sobre a barriga

a câmera abre  
vê-se um repórter com camisa de botão  
de cor tão clara como sua pele tão clara

o repórter parece um erro  
na casa de taipa

a velha mexe a sopa com uma colher de pau  
é sopa de quê  
de papel

close nos olhos de espanto  
do repórter que já sabia a resposta

por que a senhora está cozinhando papel  
porque não tenho comida  
mas por que a senhora está cozinhando PAPEL  
o repórter repete  
pra causar nos telespectadores  
aquele nó na garganta

porque tenho filhos e netos  
diz a velha esticando o pescoço  
onde guarda uma garganta  
aparentemente sem nó  
aparentemente sem constrangimento  
de dizer a própria fome

a câmera passeia pela casa  
panelas e canecas empilhadas  
um instrumental triste  
e o narrador dizendo que três semanas depois  
a velha morreu

---

<sup>1</sup> Bruna Mitrano (1985) nasceu e vive na periferia do Rio de Janeiro. Filha de camelô e neta de lavadeira, é mestre em Literatura pela UERJ, professora, escritora, desenhista e articuladora cultural. Publicou contos, poemas e desenhos em diversos jornais, revistas e antologias no Brasil e no exterior. É autora do livro *Não* (Ed. Patuá, 2016).

andei de um lado pro outro  
o que foi garota  
não pode acabar assim  
não é um filme é a vida real

e na vida real  
eu tinha seis anos  
eu não conhecia o gosto do papel

por que o repórter não deu comida pra velha  
porque ele não tinha comida com ele  
por que não voltou pra dar comida  
porque ele mora longe  
por que não mandou pelo correio  
porque não se manda comida pelo correio  
por que ele não pegou comida na casa longe dele  
e voltou pra dar pra velha

ora porque ele tem mais o que fazer  
então por que ele foi na casa dela  
hã  
se ele tem mais o que fazer

close no rosto passivo da minha mãe  
é assim a vida é assim

mas ela morreu  
todo mundo morre  
não quero morrer com esse engasgo  
que engasgo  
não sei deve ser o papel

na escola passei a brincar de comidinha  
socava folhas de caderno na panela de plástico

tá cozinhando o quê  
perguntou a colega chata  
papel  
dã tô perguntando o que você tá cozinhando  
de mentirinha

papel  
eu tô brincando de verdade

ela virou os olhos  
e saiu cantando  
uma música alegre  
eu bati nela

close na cara de espanto da diretora  
ela diz não esperava isso de você  
tão boa aluna tão quieta  
por quê

porque ela estava alegre  
e qual o problema de estar alegre  
o problema é que a velha morreu de desnutrição

close na cara de todos  
um por vez segurando  
o riso de deboche  
tão boa aluna tão quieta mas doida coitada  
igual à mãe.

# Carlos Emílio Corrêa Lima<sup>1</sup>

---

Ideias (e rabiscos ideativos)  
Que tive no vôo da esfera de 3h e 15 min  
sobre a Patagônia:  
A esfera excitava a Terra?  
Inicia-se o que antes se esboroa  
Ouve-se o princípio, quentura e proa  
Já quase nada à altura se povoa  
O peixe vê com olhos de trovão  
Náutica delicadeza de botões  
Sóis e timões, vozes, outra vozes e limões alem do fogo  
Do jogo desventrado além da sorte, til e mel, arcada de zumbido  
Ouve-se o estalido secreto do ouvido  
Abrem-se, delicadamente, os portais  
Fonte e segredo já sem medo,  
Carne e pele, cabelos, catedrais  
A cruz de terra e(a)mar, cansaço,  
Aço invisível, nítido guincho de sal rápido  
Tecido de cruzamento de raios com velozes gritos  
Exato espaço do que se verá, rompido o osso tênue do gemido  
E do último lampejo do desejo  
Do pinheiro interlocutor, abertas as páginas  
Entre o vento e o novo explorador,  
Resgata as abóbadas mais brancas  
Este trema, este movimento de líquida  
Oscilação, velame e ondulante tonatura  
Ostra extraída do azul que espelho trema ao longe,  
Metal e altura, agudíssimos olhos de espessura  
Betume e queijo, asa e mais desejo, som de onda ao sul  
pálpebras de chuva fechadas com ocada lentidão

---

<sup>1</sup> Escritor, poeta, ensaísta, jornalista cultural, professor e editor. Nasceu em Fortaleza, Ceará, Brasil. Editou as revistas *O Saco*, *Cadernos Rioarte*, *Nação Cariri*, *Siriará*, *Letras & Artes* e *Arraia Pajéurbe*. Publicou os romances *A Cachoeira das Eras*, 1979, *Além Jericoacoara*, 1982, *Pedaços da História Mais Longe*, 1997, *Maria do Monte*, *O romance inédito de Jorge Amado*, 2008. Os livros de contos *Ofos*, 1984 e *O romance que explodiu* 2006 e o livro ensaístico *Virgílio Varzea: os olhos de paisagem do cineasta do Parnaso* 2002. Doutor em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Tem ainda inéditos os livros *Culinária Venusiana* (poesia), *Delta do rio suspenso* (ensaio), *A outra forma da Ilha* (contos fantásticos), *Teatro submerso* (dramaturgia para o fundo do mar), *Solário* (contos infantis). Cofundou o CEP 20.000 em 1990 (RJ) e o projeto Rodas de Poesia e Percussão em 1999 (CE). Tem contos de sua autoria na antologia do conto fantástico brasileiro, organizada por Bráulio Tavares, *Páginas de Sombra* (2003) e na coletânea *Os Melhores Contos Brasileiros de Ficção Científica* (a sair), organizada por Roberto de Sousa Causo e também na primeira antologia de contistas brasileiros publicada na Itália, *Il Brasile per le Strade* (2009), organizada por Silvia Marianecchi. No ano de 2108 foi lançado em Portugal seu romance *Maria do Monte, o Romance inédito de Jorge Amado*. Um longa-metragem de ficção, *O Barco*, direção de Patrus Cariry, filme baseado em um conto seu homônimo, do livro de contos *Ofos*, também foi lançado em 2018.

Trazem o sol, golfinho e fio de luz em demora se afinando  
Conversações de líquidos vários, china, cárie, sol a desacelerar  
Os enormes pólenes do pólo são observados pela boca  
Ouve-se mais do mar, o quê: ponte-tonsuras entre  
terra e Terra, gozo d!altura, antes do que vê  
O grande templo do crânio do Deus-ver  
Asas cobertas ,penugem branquíssima, com ouro-mel  
No sacrário da Terra pulsa e vê.  
Bebo da fonte luminosa o seu rumar  
Água-visão sem fim, alma do mar  
Percussão de pássaros do festim,  
Tambor e água, seres de azul sincronizados  
Bebo, sim, horizontalmente ao eterno  
nuvens de mim, goles ascendentes, verticais  
Sair do fim , o ruflar ao ser acrescentar

### *O TRAZIMENTO DO WU*

Vocês trouxeram , das ilhas, o wu ? O que nunca dentro dos dias e noites lembraríamos, nem nos sonhos umbrosos?

O que nunca caberia apenas dentro do tempo e seu temor? O que nunca saberiam que iriam reencontrar?

Vocês trouxeram as folhas giga, rangentes gigantes, historiadoras?

Foi o que vocês trouxeram, as imensas palmas ondulantes?

As indagondulações ? Vocês, os mais belos, sabemos, de toda a beleza antiga. Foi isso mesmo? O que trouxeram ?O aqui qui liquido, quiquiriqui riquíssimo de suaves estridências

narrativerantes, aqui esmigalhado aqui, foi?

Sim, foi o que trouxemos, essa coisa desconhecida e unânime, vexamelume, em partes de

artes a esmo. Essas coisas estranhas que ainda não sabemos nomear, tocar, empunhar ,embora premeditavelmente cantáveis, que andam nas dunas a ondear

E nem sabemos compreender mas que espalhamos pela ilha para sagradas futuras Verificações.

Vamos trazendo-as a cada três ou dois, ou mesmo um rápido magico meio-dia, foi bem como e

o que estamos trazendo vagamente assim, lentamente lumes gráficos dizentes

Faz muito tempo que vos enviamos para lá, para trazer tudo o que podia ser trazido,

Com muito silêncio luzido, trazer tudo de volta e que era nosso

Sempre interminavelmente de volta, em marés de trazimentos. Foi? Incenso?

O que mais FOI? Mais, muito mais que incenso, mais que mero fino senso, muito mais do que tudo q

que

podíamos imaginar, muito mais do que maiz, esse símbolo botânico do mais?

Vocês, os mais belos, trouxeram tudo isso de volta aqui?

“Trouxemos até o que ainda vamos compreender, esses objetos rítmicos incompreensíveis,

Vindos maravilhosamente de longe, do que podíamos nunca compreender

Esse tambores de água que não são exatamente tambores, de onde escapam nuvens,

Novos acenos, pluriluzidas mensagens, aragens de encantação

Trouxemos todas essas coisas não exatamente coisas, trouxemos tudo de envolta e de volta,

Para estas praias, para retinirem ficarem mais nítidas, uma outra vez

Desesmagadas, nessas areais molhadas pousadas

Para serem fotografadas pela primeira vez, como num reespelho estampido, envolto em algas,

Espumas ,essas coisas ao longe ainda indiscerníveis

Essa expedição dos mais belos e corajosos foi enviada há muito tempo para lá

Pra que trouxessem do mais fundo esquecimento os artefatos

os tambores modificadores

Foi enviada num estampido de mar em clarão

Num fortíssima coletiva remada a estrela mais alta rumou adiante de todos os mais altos

gritos  
de libertação  
Pois foi quando te vi belo na noite estrelada da ilha das novas coisas desconhecidas  
chegadas  
Cabelos de aragens, o sorriso no rosto mais belo saindo de dentro do universo  
Então intui que você poderia ser um dos meus avós que partira do mais fundo do mundo  
antigo em tantos tambores para lá na maior eloquência das distâncias e que voltara,  
completamente molhado com seu rosto infinito de mar...  
Que voltara, completamente voltara!  
“Viemos, para beijar a todos os que estão na ilha e que nem sabiam que nos esperavam,  
viemos com os furtos imensos de nossa busca ao mais antigo, ao muito esquecido e  
muito  
utilitário remoto. Viemos para beijá-los e amá-los na ínsula desse chegar.  
Há muito que fomos enviados para lá, ilhestrela, espumosa e agora estamos de volta  
pois espumarosos trouxemos tudo o que devíamos ter encontrado, trouxemos tudo de  
volta, o wu,  
os objetos reencontrados, os objetos sagrados e desconhecidos, vindos do mar, pelas  
ondas, pouco a pouco,  
entre intervalos de luzir de estrelas e galácticas anêmonas  
pós-pérolas a chegar, depositados incólumes nas praias com seus elos de brisas, a  
cantar-mar ,  
a cantar, espumamantes, voláteis, presentes, ´vibráteis .  
novas formas indicativas do mais  
ar mais inventivo de amar  
Trouxemos tudo de volta, imensamente, profundamente  
Trouxemos tudo o que devia ser reencontrado  
Trouxemos tudo em retorno, os objetos desconhecidos, reiluminados reencontrados  
recompreendidos  
Temos muito tempo para contar tudo o que vimos por lá no mais distante esticado lá  
E para redistribuir os presentes por toda ilha, em seu novamente atento nitente litoral  
adorado brilhante aderente  
Litoral que sempre esteve a esperar em sua total brancura o que viria inevitavelmente a  
chegar,  
Trazendo de volta tudo o que tinha sido roubado dos nossos mais velhos , dos nossos  
ancestrais e corais  
coisas de que nem você sabia em vagidos e descobertas de conchas nas praias e nem o  
mais  
velho avô de seu próprio pai e nenhum lácteo lamento de sua mais velha mãe  
Sim , fomos nós que chegamos de volta, na praia, com todos os instrumentos que  
haviam sido  
roubados tão profundamente que o céu quase foi rasgado que essa e todas ilhas eram  
caçadas  
Mas hoje ,ao amanhecer, começamos, nós, os mais belos, os que estamos  
completamente  
chegados de volta a armá-los, a recombinar seus traços elos indutivos de volta, a  
reminescê-los  
que minam, acesos, de volta ,sempre novamente a cada onda chegando  
e a redistribuir de volta a mais o fulgor, o fulgor, o pindorâmico fulgor

reestabelecendo completamente a arquitetura do céu , da terra e do mar com esse wu  
interminavelmente a chegar,  
esse envio em cadência atlântica de estranhos objetos úteis desconhecidos,  
trazidos do mais fundo espaço do esquecimento..

## UMA VISÃO

Na piscina da velha cidade  
do reino antes da descasca  
da Terra.  
No lago da água da vida  
que encontra-se soterrado  
em algum lugar do planeta.  
Era preciso alimentar-se  
desse silêncio anterior  
do jasmineiro onde dentro,  
em seus galhos, eu dormira.  
Ali, em suas margens antigas,  
árvores em intrincada miniatura  
remanejavam os papagaios  
das falações intrincadas  
das entrelaçadas estórias.  
Desciam as canoas os rios-ladeiras  
transportando os invisíveis  
habitantes do sol.  
O mar não se podia tocar.  
Numa distância próxima demais  
eu perguntava o que seria a Índia no futuro.

# Fabiano Calixto<sup>1</sup>

---

SINDICATO DOS SAPATEIROS

*Para Leandro e Paulo, os Rodrigues, grandes amigos*

na rua de paralelepípedos molhada,  
a carcaça de um velho fogão  
sob uma manta de limo  
cobre um pequeno embrulho  
que contém algo extraordinário:  
a memória, sua régua de ruínas

a placa roída  
do velho sindicato dos sapateiros  
ainda diz  
dos consertos dos calçados  
dos sapatos de domingo  
dos coturnos bico-de-aço  
da angústia  
dos operários das fábricas  
(que sabiam do metro, do corte,  
do duro metal, fúria medida  
a martelo, matemática e paquímetro)

a névoa já encarna seus fantasmas  
pela rua de cima – Rua Misericórdia,  
a rua do Cemitério da Saudade

*é necessário ter uma mente de inverno*  
para testar, no fim da tarde,  
o sopro e o assombro dessa saudade  
que enverga como o lírio penso  
ao lado da carcaça do fogão  
onde os poetas de subúrbio  
um dia cozinham  
para suas mulheres e filhos

---

<sup>1</sup> Nasceu em Garanhuns (PE), em 8 de junho de 1973. É poeta, editor e professor. Vive na cidade de São Paulo com sua companheira, a poeta Natália Agra, e com os gatos Bacon Frito e Panqueca. Doutor em Letras (Teoria Literária e Literatura Comparada) pela Universidade de São Paulo (USP). Publicou os seguintes livros de poesia: *Algum* (edição do autor, 1998), *Fábrica* (Alpharrabio Edições, 2000), *Música possível* (CosacNaify/ 7Letras, 2006), *Sanguínea* (Editora 34, 2007), *A canção do vendedor de pipocas* (7Letras, 2013), *Equatorial* (Tinta-da-China, 2014) e *Nominata morfina* (Corsário-Satã, 2014). Dirige, com Natália Agra, a editora Corsário-Satã. E, também com Natália (+ Rodrigo Lobo Damasceno e Tiago Guilherme Pinheiro), edita a revista de poesia *Meteoro*. Sua educação sentimental foi ministrada pelos Beatles, por Raul Seixas, por Roberto Bolaño e pelos Ramones. Evita relação com pessoas de temperamento sórdido. Seu próximo livro de poemas, *Fliperama*, será lançado em 2020.

os poetas de subúrbio  
com seus mapas de sangue e susto  
liam no escuro  
pela cidade agônica  
tateavam o absurdo  
das coisas reais  
*pues lo vivieron de niños en sus casas,  
lo duro que es trabajar ocho horas diarias,  
o nueve o diez,  
que fueron las horas laborales  
de sus padres*

uma flauta longínqua, impossível,  
entretanto toca

um sol exausto  
atravessado pela garoa

o velho e cansado uniforme da firma  
pendurado no varal  
azul denso desbotado cheirando a diesel

um assombro pelo mundo  
onde podíamos, naqueles minúsculos *sempres*,  
sempre estar juntos  
nos mares, rentes à flauta longínqua,  
nos corais, como nos sonhos,  
onde os peixes também cantam ao amanhecer

\*\*\*

# Francisco César Manhães Monteiro<sup>1</sup>

---

Horas

Nasci ontem, pelas três e quarenta e cinco,  
terça-feira, morna, bem na gema carioca.  
Minha mãe morrerá hoje, pouco depois das seis.  
Meu pai, num primeiro de dezembro, segunda,  
no meio da tarde de um dia muito quente,  
pela mesma hora em que nascerei  
num setembro já distante.

(Meu irmão se foi na hora da sesta  
de um almoço inconcluso;  
será quinta, final de outubro.)

Cada um tem seu prazo, hora, minuto,  
sua fala ou silêncio final, sua deixa,  
antes que chamem os palhaços,  
para distrair as crianças e os fracos,  
enquanto nos tiram do palco  
e dão por findo o espetáculo.

---

<sup>1</sup> Nasceu em 1962 no Rio de Janeiro, onde reside. Obteve mestrado em Literatura Brasileira pela UERJ e Doutorado em Letras Neolatinas pela UFRJ, sempre com temas relacionados à tradução literária. Desde 1990, dedica-se sobretudo à tradução, seja como professor, palestrante ou tradutor literária. Tem traduções para o português publicadas do cubano Nicolás Guillén, do espanhol Miguel Hernández, dos colombianos Álvaro Mútiis e Harold Alvarado Tenorio, entre outros, e a tradução ao espanhol do moçambicano Francisco Guita Júnior, em colaboração com Silvia Capón. Publicou um livro de poemas, *Punhal inútil*, e traduziu o romance *Afuera crece el mundo* da colombiana Adelaida Fernández Ochoa, prêmio Casa de las Américas de 2015. No momento, traduz a poesia e ficção do colombiano Manuel Zapata Olivella.

Poema inédito do livro *Mácula* (prelo, Editora Patuá), por *Mariana Basílio*

### O rito cuneiforme

II

Média tabulação



Uma golfada de ar esculpe o mar:  
terra e pedra se confundem em aço.



O sombrio labor da beleza suspende  
os braços na altura crescente da linha  
sísmica sedimentada no signo par.



Corpos procuram pelo ouro prometido.



Escavam a raiz dos dedos até que os  
sangues esculpam nas gotas do chão  
a comunicação de sua nua exploração.



Ao fundo de Serra Talhada, indígenas  
há três mil anos nos deixaram forte  
mensagem, hoje descoberta por Chico:

“Um santo. Um caixão. Uma faca”.

---

<sup>1</sup> (Bauru – São Paulo, 198). Prosadora, poeta, ensaísta e tradutora. Mestre em Educação pela Universidade Estadual Paulista (Unesp). Autora dos livros de poesia *Nepente* (2015), *Sombras & Luzes* (2016), e *Tríptico Vital* (Patuá, 2018. Prêmio ProAC 2017, Finalista Residência Literária Sesc 2018, Finalista Prêmio Guarulhos 2019). Colabora em portais e revistas nacionais e internacionais, tendo traduzido nomes como May Swenson, Alejandra Pizarnik, Edna St. Vincent Millay, Sylvia Plath e William Carlos Williams. É também autora das plaquetes de poemas, *As Três Mal-Amadas* (Kizumba Edições, 2018), e *As Mãos que Ressoam o Absurdo* (edição artesanal, 2019). Com patrocínio do prêmio ProAC 2019, do Governo de São Paulo, publicará em 2020 seu quarto livro de poesia, *Mácula* (Patuá). Mantém o site [www.marianabasilio.com.br](http://www.marianabasilio.com.br).

Explica ao companheiro de caça,  
que ri, com a camisa encharcada.

“Pra mim é urso, casa, acho que é luz”.

\*\*

Dois corpos aram o fundo do trigo.

Índios Yurok, a tribo do rio abaixo,  
cozinham o arroz selvagem com o  
fogo escaldado da carne dos peixes.

No uso elementar das unhas fincadas,  
trabalham o corpo na história da parede.

Quando sumérios também teciam a lida,  
há cerca de 5.200 anos, antigas cunhas  
luziam sobrepostas de imagens idênticas.

“Sexo. Deus. Caça. Passagem.”

Ao longe, miravam no vulto do horizonte  
central, no oco sertão do Cariri: há dois  
corpos carpindo um mato amarelado.

“Facão. Foice. Lamento”.

\*\*\*

Algo fundamentalmente humano está  
em exposição no Museu Peabody da  
Universidade de Harvard: uma placa  
cerâmica de escrita cuneiforme contém

instruções rituais para bebês dormirem.

Encontrado em Nippur, ao sul de Bagdá, feito entre 2.500 anos e 2.300 anos atrás, o artefato revela muito sobre as práticas domésticas dos antigos babilônios.

Os bebês poderiam ser *calmos como a água*, conseguindo seu sono *como um filhote de gazela*, quando cochilavam *como um pastor acenando com a cabeça no meio do dia*, para serem bem desenvolvidos à espécie.

Em 1857, Jules Oppert publicou na *Expedição Científica à Mesopotâmia*, contribuição à decifração da escrita cuneiforme. Anos mais tarde, escreveu um bilhete de despedida à filha, morta aos nove anos, de meningite.

Em 1905, F. Thureau-Dangin publicou *Inscrições da Suméria e de Acad*, sobre a decifração de uma língua muito antiga, que tinha servido para notar o acádio: o sumério. Nunca conheceu o único tio, um jovem morto.

A escrita cuneiforme foi então adotada pelos acadianos, babilônicos, elamitas, hititas e assírios – adaptada para escrever em seus próprios idiomas: assim, todos choraram igualmente sobre as lápides.

O último documento registrado em escrita cuneiforme,

da sociedade da Mesopotâmia é um almanaque  
astronômico datado de 75 d.C., anotado com  
os movimentos dos astros, mês a mês – contou  
Jean Bottéro, em *O Nascimento da Escrita*.  
Perdeu o único filho no segundo dia de vida.

\*\*\*\*

Corpos ainda procuram pelo ouro prometido.  
Dois ombros aram o fundo do antigo trigo.  
No alto do monte sulano, há uma nova placa,  
hoje sobressaída por cima de um *outdoor*:

“O destino da humanidade é vazio”.

Nuno Rau<sup>1</sup>

---

**veja bem, Marlowe**

no encaço deste tempo como quem  
campana um *serial killer* vejo alguém

dentro do espelho me dizendo 'claro,  
*Enigma*' enquanto vazam pelos cabos

do servidor central mais de mil vozes  
urrando '*heil Höllenmeister*' qual foles

da forja deste século que busco  
na tela do cardápio *junkie food*

por onde orbitam tânatos e um hermes  
cego mudo e louco portando breves

ensaios cifrados poemas frag  
mentos parques do agora que não traz

pistas do paradeiro de um sentido  
que como flor brotasse deste lixo

---

<sup>1</sup> Poeta, arquiteto, professor de história da arte, tem poemas em diversas revistas literárias, e nas antologias *Desvio para o vermelho*, do Centro Cultural São Paulo, *Escriptonita*, que coorganizou, e *29 de Abril: o verso da violência*. Publicou o livro *Mecânica Aplicada*, poemas, finalista do 60º Prêmio Jabuti e do 3º Prêmio Rio de Literatura. Ministra oficinas de poesia no Instituto Estação das Letras e é coeditor da revista [mallarmargens.com](http://mallarmargens.com).

**eu, hein?**

em torno do umbigo o eu se acerca  
ou lança âncoras ao desamparo  
de si mesmo, fugir de si é raro  
ainda quando, áspero e fero, aperta  
a própria garganta como quem cerca  
de um carinho cruel e um tanto amaro  
a quem mais ama ou deveria amar, o  
poeta firma o pé, posa de esteta  
cambaleante e cego, anacoreta  
que segue as Musas com seus cães sem faro  
e nada acerta além do pouco claro  
e baço espelho com que arquiteta  
mandar o eu pra casa do caralho  
– mas não consegue mais que um ato falho.

**temporada**

meu destino quer samplear rimbaud  
madagascar-me a carne até o fim  
não sei o que esperar da vida e assim  
eu nada espero esperando bardot  
o corvo que me coube é um urubu  
que voa baixo aqui no meu parnaso  
cambaio azul de fome e de olho raso  
seu *nevermore* não faz sentido algum  
destarte eis que um destino solapado  
por solecismos existenciais  
não se compraz em me ver detonado  
e sem saber o que por que quem quais  
vou sampleando este papo mandraque  
prestante a poetas como eu – de araque.

**a noite [mais escura] em Cochabamba**

a noite mais escura de Cochabamba  
cai sobre os nomes dos nove *cocaleros*  
mortos pela repressão do EstadoCão

a noite mais escura de Cochabamba  
foi desenhada muito antes dentro  
dos porões de la paz e em miami  
washington nova york

para bailar

*la bamba se necesita* um traidor  
da pátria ou dois mais alguns milicianos  
portando bombas de gás e armas letais  
escudos coturnos máscaras metais  
perfurantes encurralando os *cocaleros*  
nas pontes em que a democracia  
é dinamitada junto com os pilares  
dos direitos de *quíchuas aimarás*  
*araonas ayoreos chiquitanos*  
tantos corpos pelas décadas errando  
até agora este século sem luzes

no fundo escuro do mundo espreitam *snipers*  
mirando o centro intenso do coração  
dos nossos sonhos estranhos de uma américa  
livre da capitalização de tudo  
na noite mais escura de Cochabamba  
a menina quíchua chora sobre um corpo  
já gelado sobre o pavimento duro  
do real e diz ‘*acorda, acorda,*  
*papito, me diz que você está dormindo*’

# Sergio Cohn<sup>1</sup>

---

## DÁDIVA

um dia  
meu pai comentou  
que entenderia  
se eu não quisesse  
colocar um filho  
neste mundo

eu respondi  
que se pensasse assim  
de que este mundo  
não merece outra vida  
talvez começasse  
seriamente  
a considerar  
o suicídio

ficamos em silêncio  
e nunca mais tocamos  
no assunto

coloquei um filho no mundo  
e meu pai o ama  
e certamente é grato  
a isso

meu pai  
sempre teve  
esse olhar  
sobre a vida

---

<sup>1</sup> Nasceu em São Paulo em 1974 e mora desde 2000 no Rio de Janeiro. É editor da Azougue (Brasil) e Oca (Portugal), e coeditor da revista de poesia ibero-americana *Palavras Andantes*. Como poeta, editou sete livros, entre eles *Lábio dos Afogados* (1999), *Horizonte de Eventos* (2002), *O Sonhador Insone* (2006), *Um Contraprograma* (2016) e *Incorporar o Invento* (2019).

e a dureza do mundo

talvez seja uma marca  
de todos os sobreviventes  
e exilados  
do holocausto

se diverte  
dizendo que a saúde  
é um estado transitório  
que não renuncia  
nada de bom

a vida também  
nunca é triunfal

por mais livre  
potente  
singular  
que seja

e talvez por isso  
exatamente  
a sua beleza

mas ele segue  
sempre seguiu  
lutando contra  
esse olhar

se encantando  
com o azul de um céu  
outonal

com a singularidade  
de uma nuvem

tomado por uma ideia

ou por uma dúvida

meu pai  
sempre contou  
a lembrança  
da vez que criança  
pegou um trem  
com sua família

estava sentado com seu irmão  
e da poltrona da frente  
uma mão forte e rude  
passava cachos  
de uvas  
para eles

nenhuma voz  
só os cachos  
sendo entregues  
em silêncio

aquela mão sem rosto  
os presenteando  
de delícias

um alento  
saber que  
sem motivo  
ou explicação  
é possível  
algum sentido

o que nos faz  
adiar a morte